

Pinchás H. Peli

# Torá Hoje

Um encontro renovado com a Escritura Sagrada

התורה  
היום

editora & livraria  
**SÉFER**

Título original em inglês: **TORAH TODAY**  
Originally published in 1987 as **TORAH TODAY**  
Copyright © Pinchas H. Peli  
Reissued with Copyright © 2005 by the University of Texas Press.  
All rights reserved.

Direitos de edição desta obra em língua portuguesa adquiridos pela  
**EDITORA E LIVRARIA SÊFER LTDA.**  
Alameda Barros, 735 CEP 01232-001 São Paulo SP Brasil  
Tel.: 3826-1366 Fax: 3826-4508 sefer@sefer.com.br  
Livraria virtual: [www.sefer.com.br](http://www.sefer.com.br)

**Tradução:** Claude Kempenich  
**Revisão:** Jairo Fridlin  
**Editoração eletrônica:** GTPress  
**Ilustrações:** Phillip Ratner  
**Layout e capa:** Gilberto Duobles  
**Impressão:** Sumago Gráfica Editorial

**Agradecimentos:** Ernesto Strauss e B'nai B'rith do Brasil

**Observação:** Na transliteração de palavras hebraicas, adotou-se o “CH”  
para o som de RR, como caRRo em português.

**Nota:** Todas as transcrições da Torá foram extraídas da  
**BÍBLIA HEBRAICA**, Editora e Livraria Sêfer Ltda., 2006.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio,  
sem a autorização expressa da Editora e Livraria Sêfer Ltda.

2009

ISBN 978-85-85583-93-4

*Printed in Brazil*

# Índice

Prólogo .....	9
Prefácio .....	13

## Gênesis – BERESHIT

BERESHIT	Uma Renovação Semanal .....	23
NÔACH	As Leis de Noé .....	27
LECH LECHÁ	Em Busca de um Ideal .....	31
VAIERÁ	O Importante é o Estilo .....	35
CHAIÊ SARA	O Teste .....	39
TOLEDOT	São Águas Passadas .....	43
VAIETSÊ	Entre Dois Sonhos .....	47
VAIŠLACH	Preparando-se para um Confronto .....	51
VAIŠHEV	Cada Geração e Seus Sonhadores .....	55
MİKÊTZ	A Volta do Primeiro Judeu Assimilado .....	59
VAIGÁŠH	O Paraíso dos Malandros .....	63
VACHİ	Netos e Judeus .....	67

## Êxodo – SHEMOT

SHEMOT	O Princípio do Fim .....	73
VAERÁ	A Estrada da Liberdade .....	77
BÓ	Tentativa e Erro .....	81
BESHALACH	A Linguagem da Fé .....	85
ITRÓ	Aceitar Conselhos de Estranhos .....	89
MİŠPATİM	Obediência Cega Não Basta .....	93
TERUMÁ	Proposta de Sociedade .....	99
TETSAVÊ	O Coração que Carrega .....	103
Kİ TISSÁ	Uma Lição Política .....	107
VAIAC’HEL	Os Dois Santuários .....	111
PECUDÊ	Aberto a Escrutínio Público .....	115

## Levítico – VAICRÁ

VAICRÁ	O Significado do Sacrifício . . . . .	121
TSAV	Equilibrando o Fogo e a Luz . . . . .	125
SHEMINÍ	O Porquê da Cashrut . . . . .	129
TAZRÍA	O Mistério do Nascimento . . . . .	133
METSORÁ	A Má Língua . . . . .	139
ACHARÊ MOT	Vida e Morte . . . . .	143
KEDOSHIM	Amar é Fundamental . . . . .	147
EMÓR	No Fim da Estrada . . . . .	153
BEHAR	O Encontro entre a Torá e a Terra . . . . .	157
BECHUCOTAI	Força e Paz . . . . .	161

## Números – BAMIDBAR

BAMIDBAR	O Verdadeiro Exército do Povo . . . . .	167
NASSÓ	Que Bênção Maravilhosa! . . . . .	171
BEHAALOTECHÁ	Das Queixas . . . . .	175
SHELACH	Delegação Pomposa, Fim Trágico . . . . .	179
CÔRACH	Rebelião Desastrosa . . . . .	183
CHUCÁT	Tempo para Mudanças . . . . .	187
BALAC	Os Sete Livros de Moisés . . . . .	191
PINCHÁS	A Escolha de um Líder . . . . .	195
MATOT	Compartilhando a Responsabilidade . . . . .	199
Mas'ê	Encarando a Realidade . . . . .	203

## Deuteronômio – DEVARIM

DEVARIM	Um Tempo para Ação, Outro para Palavras . . . . .	209
VAETCHANAN	O Primeiro Refusenik . . . . .	213
ÉKEV	Os Peregrinos . . . . .	217
REÊ	A Arte de Dar . . . . .	221
SHOFETIM	A Busca da Justiça . . . . .	225
KI TETSÊ	Abismo entre Gerações . . . . .	229
KI TAVÔ	A Dádiva da Alegria . . . . .	233
NITSAVIM	Escolherás a Vida . . . . .	237
VAIÊLECH	Força e Coragem . . . . .	241
HAAZÍNU	Orgulho e Preconceito . . . . .	245
VEZOT HABERACHÁ	A Última Bênção . . . . .	249

# Prólogo

por Harold M. Schulweis

## DIÁLOGO COM A TORÁ

Dois textos sagrados são acalentados na *Bimá* (estrado central) da sinagoga: o *Sidur* e o *Chumash*, o livro de rezas e os Cinco Livros de Moisés. Rezar e Estudar – o par de alicerces da liturgia judaica.

Ao final de cada serviço religioso, meu avô caminhava dentre os corredores da sinagoga, para fechar as Bíblias e os livros de reza que ficavam abertos, deixados pelos membros da congregação. Quando perguntei a razão do ritual a que se auto-obrigava, explicou-me que, assim como não se interrompe abruptamente uma conversa com um amigo, não se deve abandonar os textos sem fechá-los apropriadamente. Enlaçar os livros num diálogo e abandoná-los, sem uma despedida adequada, seria desrespeitoso.

Os textos de oração e de estudo são conversas verticais e horizontais entre a atual congregação e sua herdada tradição. Os textos sagrados são diálogos recíprocos entre a revelação e aquele que a recebe. Sempre que recebida, a revelação deve ser filtrada; sempre que transmitida, pede uma interpretação. Fechada, a entrega da Torá (*Matan Torá*) é como uma carta num envelope lacrado. O presente deve ser aceito e recebido (*Cabalat Torá*).

Os sábios comentários de Pinchás Peli são transmitidos por uma variedade de interpretações de uma tradição que envolve vozes do racionalismo e do misticismo. Quando escreve “A Torá tem 70 faces, e essas se tornaram 700 e até mais. Havia sempre um novo aspecto quando se lia uma porção semanal e era sempre fascinante e cativante”, os comentários de Peli apresentam mais uma face que renova a Torá.

O comentário alivia o texto de sua rigidez literária. A narração da Torá não se restringe aos episódios “dantes ou dalhures”, mas, também, ao que acontece “aqui e agora”. A revelação é *velha e nova*, desvendando o pensamento de uma antiga comunidade e o segredo interior do próprio presente.

Os comentários de Peli não somente reverenciam o passado, como também respeitam o presente. Se o nome do Eterno, o Tetragrama, formado por 4 consoantes hebraicas, é uma compilação dos tempos passado-presente-futuro (*Haia, Hove, Ibie*), seus comentários refletem os 3 tempos de nossa vida individual e coletiva.

A Torá pede para “ouvir”, o que, de acordo com Peli, significa que para a Torá não basta “fazer”. Por exemplo, seus criteriosos comentários sobre o Êxodo, versículo 24, *Mishpatim*, no qual os israelitas respondem à revelação da Palavra de Deus com *Naasse Venishma* – “Faremos e ouviremos tudo que o Eterno falou!” O procedimento parece anteceder o entendimento. Sugere a prioridade e primazia do “fazer”.

Mas Peli se perturba, tanto quanto seu mentor – Abraham Joshua Heschel – com a bifurcação que divide conduta e crença, e que tende a reverter a polaridade da *Halachá* e da *Agadá* em polarizações opostas. Como Heschel, Peli teme os filósofos da linha de Spinoza, Moses Mendelssohn e Yeshayahu Leibovitz, que veem o judaísmo não como uma forma de pensar, acreditar e opinar, mas tão-somente como uma forma de ser. Eles reduziram o judaísmo à obediência, à submissão cega, à disciplina de somente “fazer”.

Peli desafia a prioridade e primazia do “fazer”, consciente de que a conduta religiosa frequentemente se degenera em ritualização mecânica e rotinização da vida espiritual. Assim, vemos Peli argumentar que “faremos e ouviremos” não são ordens distintas, mandados separados, e, sim, uma coisa única, uma mesma coisa, dizendo que o versículo deveria assim ser reproduzido: “Faremos ouvindo, ou seja, ouvindo à medida que fazemos e fazendo à medida que ouvimos. Simultaneamente.” Peli apoia sua posição quando lembra ao leitor que Deus preparou previamente Israel para a Revelação,

ao dizer: “E agora, se ouvirdes atentamente Minha voz e guardardes Minha aliança, sereis para Mim o tesouro de todos os povos.” (Êxodo 19:5)

Ouvir é entender. O *Shemá* impõe ao leitor e àquele que reza que entenda o que faz. O Comandante Divino não deu ordens para que elas fossem obedecidas cegamente. No *Midrash* há um vasto material que ilustra o diálogo divergente entre Deus e os líderes de Israel. A divergência religiosa baseia-se em ouvir com o coração e com a razão, o que é encorajado pelo Comandante-em-Chefe.

Ao rever os comentários de Peli, lembrei-me de uma poderosa metáfora de um rabino do *Midrash*, que define a Torá como um espelho. O espelho é um só, mas aquele que olha para ele vê sua própria face refletida. Não há percepção imaculada. Os comentários fornecem testemunhos à magnífica perspectiva pluralista do judaísmo.

A vasta erudição de Peli é evidente. Sua própria honestidade e modéstia se refletem em suas apreciações, sem pretensão de constituir a verdade absoluta, mas como um convite para ler palavras de outros e, principalmente, compreendê-las. Se a Torá (como o espelho) é única, seus reflexos são inúmeros. A sabedoria implica em comparar nossas reflexões, para não sermos apanhados pela teia da idolatria, que enxerga seu próprio reflexo como única interpretação verdadeira.

O comentário final de Peli mostra Deus dizendo a Josué, o sucessor de Moisés, que “Meu servo, está morto” (Josué 1:2). Peli pergunta: “Será que Josué não sabia disso?” Ele responde que a voz tinha por objetivo alertar Josué do fato de que não poderia voltar atrás, nem almejar uma liderança como a do falecido Moisés. Nenhum líder ou comentário deve ser divinizado. Devemos reverenciar o passado sem ignorar a santidade do presente.

A eternidade da Torá é assegurada por meio de sua essência. Muitos dos comentários judaicos, rabínicos e chassídicos, são interpessoais. A Torá toda pode ser lida em múltiplos níveis – entre Deus e o homem, entre o homem e o homem, e entre o homem e si mesmo (*ben adam leatmo*). Imagine

o que provocaria ao leitor transladar os Dez Mandamentos em preceitos personalizados, ou seja, não roubar de si mesmo, não matar a si mesmo, não levantar falso testemunho contra si mesmo, não cobiçar a si mesmo. A reflexão abre novas vias que conduzem sangue novo ao coração do judaísmo.

Comentar a Torá expressa a vitalidade da perene pessoa interior, que não preservará o texto em estoques criogênicos. Através dos comentários, a Torá usufrui da imortalidade da influência, como o fez o autor deste livro.

HAROLD M. SCHULWEIS é o rabino principal da Congregação Valley Beth Shalom, em Encino, Califórnia, EUA. É considerado, por muitos, o mais ilustre orador dentre os rabinos dos Estados Unidos. Ele é o fundador e presidente da *Jewish Foundation for Christian Rescuers*, organização voltada a identificar e honrar os cristãos que arriscaram suas vidas para salvar judeus durante a era nazista. Por meio de seus ensinamentos, conferências e trabalho religioso, têm influenciado a vida de milhões de pessoas.

# Prefácio

Quando um colega sugeriu o subtítulo de “Um *Midrash* Contemporâneo” para este livro, achei que seria muita presunção apropriar-me de um conceito tão venerado, originário de outra época, de outro mundo. O *Midrash* constitui um dos pontos altos na formação da herança literária judaica clássica. Ninguém pode escrever uma “Bíblia”, criar um *Talmud* ou um *Midrash* sem correr o risco de cometer o pecado da paródia ou, na melhor das hipóteses, de uma imitação medíocre. Os capítulos reunidos nesta obra representam, contudo, um esforço consciente de seguir e refletir o *Midrash* tradicional, não apenas como literatura específica do gênero, mas pela correlação do método do *Midrash* com o encontro sempre renovado com a Torá.

13

Há numerosas conotações na palavra “Torá” no hebraico bíblico, no pós-bíblico e até mesmo no hebraico moderno. Aqui, é usada tanto para se referir ao Pentateuco (os primeiros Cinco Livros da Escritura Sagrada) quanto à somatória total do “ensinamento” (que é a verdadeira derivação etimológica da palavra) do judaísmo sobre a essência da vida e de como vivê-la.

Esse ensinamento, que se identifica como o teor da palavra do Eterno – o Mestre Supremo (*Hamelamed Torá*, “Aquele que ensina a Torá”, é um epíteto de Deus na liturgia judaica) – aliado a todos os outros colhidos da Torá, é o “ensinamento” que os sábios discípulos de cada geração “ouviram” e apreenderam do “Mestre”, no mais íntimo de seu ser.

A Torá foi legada à posteridade, não como sabedoria fechada, hermética, mas como uma conversa aberta e contínua, originando o eterno encontro da vontade e da palavra de Deus com o povo de Israel (e, por meio dele, com toda a humanidade), durante todas as suas históricas vicissitudes.

O evento do Sinai pode ter sido um acontecimento histórico único, mas o ato da Revelação, a exposição das verdades da Torá, nunca para.

Com nossa sintonia e receptividade nos encontros com a Torá recriamos a experiência de “ouvir” a Voz Divina. A tradição judaica garantiu esse encontro permanente, ao instituir a leitura semanal cíclica de uma porção da Torá, a chamada *Parasbat Hasbavúa*, “a porção semanal”. Cada semana e sua “porção”. Todo *Shabat*, a congregação inteira é convocada, e não apenas os eruditos religiosos e os sábios, para um encontro com o Mestre, que surge nas palavras da Escritura Sagrada.

Esse encontro semanal não é uma atuação unilateral para uma audiência que comparece, ouve passivamente e volta para casa. O primeiro ato da Revelação no Sinai tampouco foi assim. Deus não entregou seus mandamentos aos filhos de Israel, no deserto, sem antes ter um extenso diálogo com eles (ver capítulo “Obediência cega não basta”). Para esse encontro semanal com a palavra de Deus, a comunidade (e cada um de seus membros) não comparece de mãos vazias, intimidada ou calada diante da Onipresença Divina. Não é o cenário de um poderoso rei dando ordens aos seus súditos, através de um solene decreto real, e, sim, o de um Mestre sábio e carinhoso, que espera que seus pupilos estejam sempre atentos, questionando, investigando e discutindo cada palavra e ideia. É precisamente esse encontro que transforma a palavra de Deus em “Torá”.

O vocábulo “Torá”, como já foi dito, vem da mesma raiz dos termos *morê* ou *morá* (professor ou professora, em hebraico). Deus, o Doador da Torá, é o Mestre Supremo; nós somos seus pupilos. Essa interação entre professor e alunos faz com que a Torá seja constantemente recriada e revitalizada.

Trazemos para essa “sala de aula”, que brota sempre e onde quer que se estude Torá, a dimensão plena de todo o nosso ser. Fazemos perguntas e buscamos respostas. Todas as perguntas são permitidas e até mesmo incentivadas. Novos entendimentos surgem desse encontro com o texto, que contém mais de *uma* resposta a qualquer pergunta. Segundo os rabinos

antigos, “a Torá tem 70 faces”. Se procurarmos com afincos, encontraremos a face que buscamos.

Deus falou uma vez, mas essa “única vez” significa sempre. Com a ajuda da metodologia do *Midrash* somos capazes de ouvi-la novamente, hoje. Todos os dias. É por isso que o *Midrash* se tornou uma das expressões mais importantes do vocabulário da vida e da religião judaica – ele ensina a “ouvir” sempre “sons” novos dentro da única Voz Eterna.

Os sábios que criaram o *Midrash* não foram ao encontro com a Torá de mãos vazias. Ao contrário, trouxeram toda sua experiência humana e sabedoria acumulada, suas dúvidas e sofrimentos, suas divagações e considerações. O encontro resultou numa compreensão revigorada, em novas interpretações que surgiram como respostas diretas a perguntas imediatas. A arte do *Midrash* está na habilidade de servir vinho envelhecido em embalagens novas e modernas, para transplantar alguns antigos segredos Divinamente inspirados – de luta e alegria, de celebração do tempo e da vida – para as nossas próprias vidas, limitadas e muitas vezes melancólicas.

O *Midrash* é o elo que unifica a corrente da existência, inicialmente intuída na Bíblia e que permanece atual até hoje. O que teria sido do mundo sem o *Midrash*? Em certas ocasiões, parece que se a corrente fosse quebrada, no mesmo instante o mundo deixaria de existir; que a continuidade em ouvir esse diálogo Divino-humano – que começou com o pronunciamento das palavras “No princípio, ao criar Deus os céus e a terra” – é vital para nossa própria existência, hoje. Uma existência assaz necessitada de um “princípio” e de um “fim”, de um destino e uma destinação, de um significado superior ao paradoxal.

Uma contribuição modesta, para essa forma de ouvir a Torá, é oferecida nos capítulos seguintes. A nossa geração talvez não seja de gigantes elevados no estudo da Torá, mas continuamos a ser um elo da mesma corrente. Seria falsa-modéstia definir nossa geração como desprovida de espiritualidade, nada tendo a acrescentar ao eterno e contínuo diálogo com a Torá. De fato, podemos ser “anões” se comparados aos “gigantes” das gerações anteriores,

mas, por sermos “*anões* carregados nos ombros de *gigantes*”, nossos horizontes são ilimitados. Embora amedrontados, temos o privilégio de viver numa época em que podemos colher o fruto do trabalho dos grandes gênios das ciências físicas, bem como daquelas ligadas ao espírito humano e à visão social.

Também no mundo judaico, como nunca antes, possuímos muitos dos maiores tesouros da sabedoria dos nossos ancestrais. Bibliotecas e livrarias estão repletas de obras que costumavam ser classificadas de “edições raras” e que eram privilégio de poucos. Preciosos tesouros espirituais e intelectuais estão agora ao alcance de todos.

Somos os herdeiros diretos de alguns dos períodos mais estimulantes da vida e da criatividade espiritual judaica. Do ponto de vista cronológico, vivemos na era pós-*maskilismo* material, centrada no Iluminismo; do pós-*chassidismo* místico, centrada na caridade; e do pós-*mitnagdismo* racional, centrada nos estudos. Historicamente, somos os sobreviventes imediatos do Holocausto e testemunhas do milagre vivo do renascimento de Israel.

Raramente houve época de tensão histórica e espiritual tão extraordinária.

Sendo o que somos, nossa geração encontra novamente a Torá. Alguns estão fascinados por ela, não apenas como forma de conhecer o passado, por curiosidade cultural ou aspirações nostálgicas, mas principalmente como forma de perguntar, com toda a franqueza: o que a Torá tem a nos dizer *hoje*?

Seguimos para esse encontro como pessoas modernas e receptivas, plenamente conscientes, contudo, de que não nascemos hoje, ou que subitamente caímos de pára-quadras do nada numa ilha deserta. Sabemos que nos antecedem 3.000 anos de convivência com a Torá e seus ensinamentos, e que existem fontes insondáveis de meditação e sabedoria, realizações culturais fascinantes e orientação moral esclarecedora, das quais podemos usufruir nessa preciosa herança.

Estantes e mais estantes repletas de comentários sobre a Torá, frutos das melhores mentes judaicas de muitas gerações, aguardam nossa consideração, mas, lamentavelmente, com suas lombadas voltadas para nós. Que segredos

contêm? Que tipo de calor irradiam? Será que devemos tentar descobrir? E se tentarmos, seria possível aplicar alguma coisa às nossas próprias vidas?

Os sábios do *Midrash* buscaram as respostas para essas questões naquela época; gostaríamos de tentar fazê-lo, do nosso jeito modesto, agora, na nossa época. Continuamos a tentar, cientes e não obstante a enorme lacuna existente entre nossos esforços e possíveis resultados.

Nossos esforços podem ser classificados tanto como *exegese* (comentário ao texto) quanto *eixegese* (“violência” ao texto) – isto é, tanto as interpretações extrínsecas ao texto como as intrínsecas a ele –, ao pesquisarmos todas as fontes à nossa disposição: antigas, medievais e modernas. Nosso objetivo, contudo, é claro: referir-nos à Torá da forma como ela fala *conosco, hoje*.

Os capítulos deste livro baseiam-se na coluna semanal do mesmo título, *Tora Today*, publicada em 1984-5, na edição local e internacional do *Jerusalem Post*. As centenas de cartas que chegaram ao *Post* e ao autor, vindas de todos os cantos do mundo, tanto de judeus quanto de não-judeus, são prova de que a palavra da Torá é atualmente procurada em toda parte, por pessoas de todas as classes sociais.

O encargo semanal de estudar meticulosamente a *Parashá*, consultando inúmeros comentários; a seleção do tópico para a semana e a tentativa de compartilhá-lo com outros; a redação do texto em forma de “leitura leve” como convém a um jornal diário, não foi tarefa fácil. Não posso dizer, contudo, que não tenha sido tarefa prazerosa. As cartas e telefonemas de tantos leitores foram muito animadores e gostaria de aproveitar o ensejo para agradecer a todos pela bondade e interesse. Desejo também desculpar-me pela impossibilidade de responder pessoalmente à correspondência tão apreciada.

É especialmente agradável a incumbência de agradecer a participação ativa e a contribuição de ideias que surgiram durante as discussões sobre a Torá, com minha esposa e família, e diversos convidados judeus e não-judeus, ao redor da nossa mesa de *Shabat*. Agradeço a meu argumentador filho Avraham Deuel,

às minhas talentosas e cultas filhas e seus maridos, Bitha e Dov Harshefi, Emuna e Benyamin Elon, Batsheva e Gilead Seri e meus maravilhosos netos.

Este trabalho não poderia ter sido completado sem a participação vital de minha querida esposa e companheira Penina Peli, revisora e editora dos capítulos deste livro. Seus comentários sobre as porções semanais da Torá foram veiculados, toda sexta-feira, no programa de rádio em língua inglesa da *Voice of Israel* (Voz de Israel), de Jerusalém.

Os editores do *The Jerusalem Post*, Erwin Frankel e Ari Rath, e sua equipe de edição, especialmente Joe Blumberg, Douglas Davis, David Gross, Sasha Sadan e Hanan Sher merecem especiais agradecimentos pela valiosa e cordial cooperação em levar *Torah Today* a dezenas de milhares de leitores do mundo inteiro. Robert Bleiweiss, presidente da *Bleiweiss Communications*, em Calabassas, na Califórnia, Aliza Yunick e Cybil Kaehimker da Universidade Ben Gurion, e Raihanna Zaman da Universidade Cornell, todos merecem agradecimentos por sua ajuda durante as várias etapas da preparação do manuscrito desta publicação. Agradeço, também, pelas correções cuidadosas e acuradas, ao Rabino Israel C. Stein, de Bridgeport, Connecticut, e ao Dr. Faezeh Foroutan, de Washington, D.C.

Sou grato ao Todo-Poderoso por assegurar-me uma parte de Sua Torá, quando me permitiu escrever aquelas colunas, numa época muito significativa de minha vida. Escrever *Torah Today* semanalmente alertou-me, forçando-me, até, a definir – apesar de muitos obstáculos – um tempo para estudar. Devido a *Torah Today*, ganhei novos amigos maravilhosos, que contribuíram para a publicação deste livro. Dentre eles, cito o Dr. Michael Neiditch, o competente diretor da Comissão para a Continuidade da Educação Judaica da *B'nai B'rith International*. Para Robert Teitler, presidente da *Information Dynamics*, que não considera a publicação de importantes livros judaicos um empreendimento meramente comercial, mas um trabalho de amor. A amizade e colaboração do renomado artista Phillip Ratner também surgiu graças à sua reação entusiasmada a *Torah Today*.

Agradecimentos especiais são devidos a Ernesto Strauss, da Editora B'nai B'rith do Brasil, por sua sábia e amiga persistência e paciência em providenciar a primeira tradução e publicação de *Torab Today* em português (nos idos de 1987), a primeira de uma série de traduções do livro.

Pinchás Hacoheh Peli  
Jerusalém, Sivan de 5746 – Julho de 1986

Este livro é dedicado  
aos nossos filhos e netos.

*... de tua semente...*  
*de todos os teus descendentes...*

ISAÍAS 59:21

P.H.P.



# Gênesis

## בְּרֵאשִׁית



*... e andaram ambos juntos.*

Gênesis 22:8



# בְּרֵאשִׁית

## Bereshit

Gênesis 1:1-6:8

### UMA RENOVAÇÃO SEMANAL

Quando meu avô escrevia uma carta ou anotava um compromisso, ele assinalava a data de uma única maneira: o primeiro, o segundo ou o terceiro dia da “Vida de Sara” ou de “Itró” ou de “Sereis Santos”. Esses são três dos títulos das porções semanais dos Cinco Livros da Torá, lidos na sinagoga a cada *Shabat* do ano.

Como os dias da semana não têm designação em hebraico, eles são indicados como *iom rishon*, primeiro dia em relação ao *Shabat*, *iom sheni*, segundo dia em relação ao *Shabat* etc., e o único modo tradicional de se determinar um *Shabat* é pela *Parashá* (porção semanal) da Torá que nele se lê.

Na geração de meu avô, como ocorre com muitos judeus de hoje, qualquer pessoa sabia qual a porção que seria lida em uma determinada semana. Sabia também que a leitura do Pentateuco terminava em *Simchat Torá* (festa judaica logo após *Sucót*) e que nesse mesmo dia recomeçava-se a leitura da Torá, desde o seu início.

O primeiro *Shabat* após *Sucót* é chamado de *Shabat Bereshit*. É o *Shabat* que narra o princípio da Criação e marca o começo do ciclo das porções da Torá, lidas semanalmente durante todo o ano.

A leitura semanal da Torá jamais foi limitada ao ritual da sinagoga ou ao *Shabat*. Acompanhava cada judeu – jovem ou velho, erudito ou pessoa comum – através da semana. Convivia-se com essa leitura a cada dia do ano como

se convive com o nascer e o pôr-do-sol. A estação tornava-se fria e nevoenta quando eram lidos *Mikêts* ou *Vaigásh* e tornava-se quente, quando novamente tinha lugar a leitura de *Shofetim* ou *Reê*. Sabia-se que era primavera, quando se aproximavam as porções do Livro do Levítico.

O texto lido era sempre o mesmo. A ninguém é permitido mudar sequer uma vírgula da Torá escrita. Todavia, esse texto, aos olhos dos leitores, nunca parecia velho ou repetitivo, antiquado ou obsoleto. A cada ano, à medida que ia sendo feita a leitura da nova semana, o texto parecia trazer em si um sabor novo e viçoso. Havia sempre novos enfoques, uma vez que o fluxo de novas traduções e comentários jamais cessava.

“A Torá”, diziam os rabinos, “tem 70 faces”. E essas se tornaram 700 e até mais. Havia sempre um novo aspecto quando se lia uma porção semanal e era sempre fascinante e cativante.

Há alguns séculos, um homem escreveu um livro com nada menos que 913 interpretações diferentes sobre *Beresbit*, a primeira palavra da Torá. Ele se deteve em 913 porque este é o valor numérico da palavra, segundo o sistema da *Guemáttria*, na qual  $b = 2$ ,  $r = 200$ ,  $e = 1$ ,  $sh = 300$ ,  $i = 10$ ,  $t = 400$ , totalizando 913.

Os leitores da Torá jamais se aborreceram com a pergunta feita frequentemente tanto pelos tolos quanto pelas chamadas “mentes científicas”: *De todos os comentários, qual é o “verdadeiro” ou o “real”?* Eles sabiam – como o sabem os perspicazes estudiosos da hermenêutica e da crítica literária moderna – que, o que diferencia a alta literatura da sublitteratura é que, a primeira, pode ser interpretada em diversos níveis, todos igualmente “verdadeiros” e “reais”. E o que se aplica à alta literatura certamente também se aplica à Palavra de Deus, incorporada na Torá.

Para os rabinos, corresponde à carta de uma pessoa amada que encetou uma longa viagem. Saudosos do ausente querido, quantas vezes lemos e

relemos essa carta, quantos significados diferentes descobrimos, quantas interpretações – as mais diversas de cada palavra – vêm à nossa mente a cada nova leitura!

A Torá é a carta que nosso *Amado* nos deixou antes de partir para bem longe, e onde não podemos ter contato direto com Ele. A única forma de estar com Ele é ler e reler a carta. E o fazemos a cada *Sabat* quando lemos um trecho da Torá. Se tivermos sorte, nós O ouvimos e sentimos. Repetidamente sempre novo, sempre com seu frescor.

Cada semana nos proporciona não apenas uma nova porção, mas também uma nova experiência. O conteúdo da porção lida torna-se parte das atividades dessa semana. A leitura da Torá jamais foi de domínio exclusivo de eruditos ou rabinos. Qualquer pessoa pode participar dela, de acordo com seu próprio nível.

A vasta literatura do *Midrash*, com seus populares comentários, parábolas e histórias, foi criada por rabinos e pregadores que ensinaram a porção semanal às massas durante um milênio (entre cerca de 300 a.e.c. e 700 e.c.). Essa atividade continuou, mais tarde, com os grandes exegetas medievais da Torá: Saadia, Rashi, Ibn Ezra, Rashbam, Nachmânides e muitos outros, e, durante os séculos seguintes, com as obras populares escritas nos idiomas falados pelos judeus na sua dispersão.

O que a antologia *Meam Loetz* foi, durante centenas de anos, para as comunidades judaicas que falavam o ladino (*sefaradim*), a *Tsena Ureena* foi para as de fala iídiche (*ashkenazim*). A cada lar, esses dois livros trouxeram a mensagem e compreensão clara da Torá, sendo o último identificado como uma obra destinada especialmente às mulheres, com nada menos que 210 edições.

Ao apresentá-lo ao leitor inglês, seu editor, o Rabino Meir Holder, descreve a importância do livro iídiche na vida do *shtetl* europeu oriental:

*Roubando uma hora tranquila de seus afazeres domésticos, nossa religiosa avó, no Vélbo Mundo, procurava seu cantinho favorito, entre o berço e a lareira, e abria o tão manuseado Tsenarene (como era pronunciado o título hebraico em iídiche)*

*com suas familiares xilogravuras. Endireitando seu lenço de cabeça rendado, ela se punha a acompanhar o destino dos filhos de Israel, nos tempos antigos, lendo as conturbadas páginas da porção semanal da Torá.*

*Ela compartilhava da angústia de Sara pelo quase sacrifício de Isaac; humildemente aspirava ser altruísta como a matriarca Rachel; derramava uma lágrima ingênua pelo jovem José na cova dos escorpiões; estremece com os cruéis detalhes da servidão egípcia; exultava com Miriam na travessia do Mar Vermelho e encontrava conforto para as provações diárias do golus (galut, exílio), ao considerar as recompensas espirituais com que as matriarcas do passado, junto com as fiéis mães de todas as gerações, são abençoadas no outro mundo.*

Os diversos idiomas e estilos utilizados na interpretação da Torá podem ter mudado radicalmente nas recentes gerações. Contudo, o que não muda é o papel da porção semanal como fonte de inspiração – sempre oportuna e eternamente renovada – e de orientação para todos.



# Nôach

Gênesis 6:9-11:32

## AS LEIS DE NOÉ

É difícil imaginar, na literatura mundial, uma história mais sublime e majestosa que a história bíblica da Criação. Desde o momento em que Deus disse “Haja luz!”, até a chegada do *Shabat*, a compacta narrativa resplandece, refletindo bem-aventurança e a alegria da criatividade. Após cada dia da Criação, vem a afirmativa de que “Deus viu que era bom”, mas, ao fim do sexto dia, ela muda para “Deus viu que era *muito* bom”. O calmo descanso do *Shabat* surge, então, no mundo, logo após o aparecimento em cena do homem e da mulher.

Um salmo, uma canção dedicada ao *Shabat*, paira no ar. Não demora, no entanto, para que esse estado idílico seja abruptamente interrompido, e os capítulos seguintes nos transportem para a trágica realidade não apenas da condição existencial humana, mas de Deus propriamente.

Os versículos que aparecem no início do sexto capítulo do Gênesis são, na verdade, aterrorizantes e me assombram desde a infância: “E o Eterno viu que era grande a maldade do homem na terra, e que todo impulso dos pensamentos do seu coração era todo dia exclusivamente mau. E o Eterno se arrependeu de ter feito o homem na terra, e isso pesou em Seu coração.”

Que impressionante sumário da condição do Homem e Deus, que recém entrou em cena, pleno de luz, alegria e esperança! Que terrível descrição de Deus, cujo coração está repleto de dor e tristeza! Como se encontrou Ele